

Predadores das selvas de pedra: breve ensaio sobre a animalidade em Rubem Fonseca na perspectiva da zoologia cultural

Predators of the concrete jungle: A brief essay on animality in Rubem Fonseca from the perspective of Cultural Zoology

Elidiomar Ribeiro Da Silva¹

Resumo: São examinados os contos *O cobrador*, *Feliz ano novo*, *Passeio noturno – Partes I e II* e *Intestino grosso*, com foco em animalidade, crítica urbana e existencial. Os animais funcionam como dispositivos de revelação simbólica, sendo associados à destruição ambiental e marginalização social. Lógica predatória e degradação moral operam como manifestações de uma animalidade internalizada, que espelha a falência da civilização urbana. A análise articula conceitos da zoologia cultural com a crítica literária, antropologia simbólica e ecocrítica.

Palavras-chave: zooliteratura; literatura brasileira; violência urbana.

Abstract: This study examines the short stories *O cobrador*, *Feliz ano novo*, *Passeio noturno – Parts I and II*, and *Intestino grosso*, focusing on animality, as well as urban and existential critique. Animals function as devices of symbolic revelation, being associated with environmental destruction and social marginalization. Predatory logic and moral degradation operate as manifestations of internalized animality, reflecting the collapse of urban civilization. The analysis

¹ Doutor em Zoologia; professor do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

E-mail: elidiomar@gmail.com

connects concepts from Cultural Zoology with literary criticism, symbolic anthropology, and ecocriticism.

Keywords: zooliterature; Brazilian literature; urban violence.

INTRODUÇÃO

A obra de Rubem Fonseca é notória pelo seu realismo cru, pelas suas histórias repletas de violência e pelo retrato da decadência social e urbana (BARBOSA, 2015). Mesmo com a vasta análise de seus textos, a participação dos animais em suas histórias é um ponto pouco examinado, seja como personagens, símbolos ou metáforas. Baseando-se nos princípios da zoologia cultural, área que explora a presença simbólica e imaginária dos animais nas criações humanas (DA-SILVA; COELHO, 2016; DA-SILVA, 2018), este estudo procura entender como a animalidade pode servir como uma das formas de interpretar as obras de Fonseca.

Em sua essência, a zoologia cultural tem o potencial de unir conhecimentos da antropologia simbólica, da etnobiologia, da crítica literária e da filosofia, entre outras aplicações, para investigar o papel dos animais nas narrativas humanas (COSTA NETO, 2000; ALVES; SOUTO, 2011; LIMA *et al.*, 2014; BERGER, 2021). Como ressalta Berger (2021), com o passar dos anos, os animais deixaram de ser companheiros diretos dos humanos e se transformaram em representações culturais, como resquícios simbólicos de uma antiga relação.

No âmbito da literatura, os estudos sobre a animalidade têm evoluído em campos como a ecocrítica (ZAPF, 2008), a antropologia simbólica dos animais (LÉVI-STRAUSS, 2008) e os estudos que

combinam literatura e etologia (MACIEL, 2016). Este artigo busca, assim, ampliar esse debate ao examinar como Rubem Fonseca elabora uma crítica incisiva à modernidade urbana, através da presença animal real ou simbólica – ainda que, em muitos casos, apenas presentida. Com isso, almeja-se analisar a presença literal e simbólica dos animais nos contos selecionados, relacionando-os com ideias da zoologia cultural; debater como a animalidade enriquece o discurso crítico-social das obras escolhidas; e enriquecer o campo da zooliteratura através da análise de uma obra literária brasileira.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza teórica e interpretativa. A metodologia baseou-se na análise textual de cinco contos: *O cobrador* (FONSECA, 1979), *Feliz ano novo*, *Passeio noturno – Parte I*, *Passeio noturno – Parte II* e *Intestino grosso* (FONSECA, 1975). O foco foi na identificação e interpretação de elementos ligados à animalidade, com apoio em conceitos extraídos de autores como Foucault (1987), Lévi-Strauss (2008), Maciel (2016) e Berger (2021).

O COBRADOR

Narrado em primeira pessoa, o conto *O cobrador*, inserido no livro de mesmo nome e publicado originalmente em 1979, apresenta o monólogo de um homem marginalizado que decide fazer justiça com as próprias mãos, revertendo os papéis sociais tradicionais. Sentindo-se vítima de um sistema que o oprimiu por toda a vida, negando-

lhe moradia, dignidade e respeito, ele se transforma em uma figura violenta que cobra a sociedade por meio de estupros e assassinatos. O narrador não se vê como criminoso, mas como alguém que faz o que o Estado não fez, corrigindo, na sua percepção, algumas injustiças. O tom narrativo é seco, direto e inquietante, revelando uma crítica feroz às estruturas sociais desiguais e ao moralismo burguês. O conto revela, com brutalidade e ironia, o colapso da ordem social e moral, com a animalidade evocada como metáfora da condição do narrador, justificando a violência como resposta à opressão estrutural.

Andando pelas ruas como uma fera espreitando a presa, o narrador pode ser comparável a um predador. A cidade se torna a selva em que ele assume o papel de caçador urbano, chegando por vezes até a uivar. Um ser instintivo que age por impulso e necessidade, e que renuncia à linguagem da razão ou da política, abandonando racionalidade civilizatória em adesão à lógica feral da sobrevivência. Assim, a presença da animalidade em *O cobrador* não é decorativa, mas estruturante. O que exprime a desumanização do sujeito marginalizado, o qual, após se julgar tratado como bicho pela sociedade, incorpora essa condição para se justificar e retaliar. Trata-se de um animal político e ético, que age violentamente em nome da justiça que lhe foi negada. A fera que espreita, ataca e fere remete a uma ética da violência como retorno simbólico, o que, de certa forma, pode representar um dos eixos da leitura pela zoologia cultural ou zooantologia (como em UCHÔA, 2019): o animal deixa de ser apenas metáfora e passa a ser estrutura de linguagem e ação.

FELIZ ANO NOVO

No conto *Feliz ano novo*, publicado pela primeira vez em 1975, no livro homônimo, Rubem Fonseca narra os preparativos e a execução de um assalto brutal na virada do ano, cometido por um grupo de homens da periferia social contra uma casa de classe média-alta ou alta. Os criminosos, armados e violentos, invadem a festa de *réveil-lon*, subjugam os convidados e os obrigam a participar de humilhações físicas e psicológicas. Em tom seco e distanciado, o narrador expõe sem remorso as violências cometidas, incluindo estupros e assassinatos, enfatizando a banalidade do mal e o abismo social que separa agressores e vítimas. A narrativa revela uma inversão perversa da celebração esperada: em vez de esperança e renovação, o Ano Novo é marcado pelo caos, pelo medo e pela desumanização. Fonseca cria, assim, uma crítica incisiva da desigualdade, da impunidade e da violência urbana brasileira, deixando o leitor sem catarse e plenamente desconfortável.

Na casa invadida, segundo a percepção dos invasores, na “mesa tinha comida que dava para alimentar o presídio inteiro”, algo tradicional em festas de Natal e Ano Novo, o que aqui aparece como símbolo do ritual burguês de fartura, tradição e ordem. A mesa farta contrasta violentamente com a fome e a brutalidade dos invasores. Há um deslocamento simbólico: a fartura é uma oferenda inútil diante do caos que se instaura. Embora o conto não tenha um foco direto no bestiário, inclui bichos domésticos e sinantrópicos de maneira pontual e simbolicamente relevante, conforme visto mais adiante.

INTESTINO GROSSO

Inserido no livro *Feliz ano novo*, no conto *Intestino grosso* é apresentado como uma entrevista entre um jornalista e um escritor (autor), que discute aspectos do processo criativo, da linguagem literária e da temática de seus livros. O autor, personagem central, revela-se provocador e irônico, questionando a crítica literária e exaltando o uso de palavrões e pornografia como ferramentas narrativas. Ele defende a pornografia e ataca visões idealizadas da literatura. Revela também algum desprezo por outros seres humanos e, em meio à narrativa, menciona vários animais no contexto da destruição ambiental, projetando sua degradação pessoal no cenário global desolador.

Em um trecho da entrevista que o autor dá em *Intestino grosso*, é dito pelo autor que “Vai chegar o dia em que a melhor herança que os pais podem deixar para os filhos será o próprio corpo, para os filhos comerem” (FONSECA, 1975, p. 142). Isso lembra um comportamento de animais reais, como a aranha *Stegodyphus lineatus* (Latreille, 1817) (Araneae: Eresidae), em que os filhotes se alimentam da mãe (SCHNEIDER; LUBIN, 1997).

PASSEIO NOTURNO

Nos contos *Passeio noturno – Parte I* e *Passeio noturno – Parte II*, inseridos em sequência no livro *Feliz ano novo*, o protagonista é um executivo de classe alta, refinado, culto e aparentemente exemplar, que à noite se transforma em um assassino frio. Percorre a carro as ruas da cidade, escolhendo suas vítimas aleatoriamente, geralmente pedestres solitários que ele atropela e mata sem motivo aparente.

O contraste entre sua vida pública e sua pulsão privada revela uma cisão profunda na identidade: um sujeito civilizado por fora, mas movido por impulsos violentos. O narrador relata seus crimes com frieza e naturalidade, como se fizesse parte de uma rotina. A animalidade se revela na banalização da violência, no sadismo impessoal e na lógica do predador urbano. O conto constrói uma crítica inquietante à hipocrisia da sociedade de consumo, ao mesmo tempo que sugere uma fusão entre racionalidade e instinto homicida.

Apesar da ausência de menções diretas a animais em *Passeio Noturno*, a perspectiva da zoologia cultural ainda pode ser aplicada, não na presença literal de fauna, mas na forma como o narrador encarna comportamentos associados ao predador instintivo, em um cenário urbano. O protagonista é um homem de classe alta, respeitável e culto durante o dia, mas que, à noite, assume outra identidade: ele se transforma em um caçador urbano, escolhendo vítimas aleatórias para matar com o carro, sem motivação aparente. Seu comportamento reflete o que se pode descrever como instinto predatório deslocado para um ambiente artificial, a cidade moderna. A animalidade aqui não está no corpo de outro, mas na mente e nas ações do próprio sujeito, que opera sob pulsões instintivas, mascaradas por uma aparência civilizada.

A ausência de menções a animais pode ser lida como simbólica, pois não há mais fauna visível, o que resta é o humano convertido em animal. Um verdadeiro predador sem presa animal. A cidade noturna, esvaziada de natureza, torna-se um território de caça onde os próprios seres humanos ocupam o papel de presa. Ao inverter o processo de domesticação — aquele que transformou o homem em “civilizado” —, o narrador retorna a uma forma de prazer baseada na vio-

lência gratuita, o que o aproxima de uma besta selvagem, embora sem justificativas naturais, como fome ou defesa. Essa animalidade não natural é precisamente o que marca a degradação simbólica.

CITAÇÕES A BICHOS

Menções a animais presentes em *O cobrador* (FONSECA, 1979) são meramente comparativas, como ao se referir à uma vítima como tendo se debatido igual galinha tonta, à multidão na calçada semelhante à uma enorme lagarta, à movimentação selvagem como um macaco e aos dentes de uma moça que, de tão brancos, parecem os de um elefante jovem. Em um poema do narrador, alguém é tido como inocente ou burro, esse último termo pejorativo derivado do bicho homônimo. Há também objetos e substantivos com nome alusivo a animais, como gravata-borboleta, pau-de-arara, o título religioso cardeal, homônimo a um passarinho, além de marcas de revólver (Colt Cobra) e carro (Puma conversível). Peru e cachorro-quente são mencionados como itens gastronômicos e um búfalo é mencionado em cena de cinema passada na Ásia.

De modo semelhante, em *Passeio noturno* não há menção efetiva a bichos. Mas, na *Parte II*, a localidade Cantagalo, por óbvio, tem ligação com a ave galinácea. Além disso, a marca do carro do narrador é especificada, Jaguar, que é o nome mais comum em inglês da onça-pintada; como o carro é preto, é impossível para um zoólogo não evocar a forma melânica do maior felino da América, a chamada onça-preta.

Em *Feliz ano novo* (FONSECA, 1975), há também um peru alimentício, dessa feita na casa invadida pelos agressores, representan-

do tradicional símbolo das celebrações de fim de ano. Repletos de mágoa e revolta, os invasores consideram que os donos da nababesca festa os viam como “moscas no açucareiro”. Do ponto de vista simbólico, a mosca – inseto associado à morte e sujeira – torna-se presença sinistra, quase metafísica, no espaço da violência. Há também referência à “galinha morta (...) dos macumbeiros” e à “frango de macumba” no contexto de oferendas religiosas associadas ao imaginário afro-brasileiro. Isso pode ser interpretado à luz da zoologia cultural, mas com ênfase nas práticas simbólicas e religiosas que envolvem animais. Na narrativa, frango ou galinha não são uma ave doméstica em si, mas símbolo de rito sacrificial. A galinha, enquanto oferenda ritual, é inserida no campo de representações animais em práticas culturais, o que pode ser lido em perspectiva antropológico-zoológica, especialmente com apoio em LÉVI-STRAUSS (2008), dentre outros autores. Adicionalmente, um apelido humano é menção a bicho, Minhoca, um dos invasores é xingado de burro pelo narrador, e as vítimas foram comparadas a carneirinhos por estarem com medo.

Das menções a bicho no conto *Intestino grosso*, destacam-se:

Estamos matando todos os bichos, nem tatu aguenta, várias raças já foram extintas, um milhão de árvores são derrubadas por dia, daqui a pouco todas as jaguatiricas viraram tapetinho de banheiro, os jacarés do pantanal viraram bolsa e as antas foram comidas nos restaurantes típicos, aqueles em que o sujeito vai, pede Capivara à Thermidor, prova um pedacinho, só para contar depois para os amigos, e joga o resto fora.” (FONSECA, 1975, p. 143)

Dos pontos de vista simbólico e cultural, a fauna silvestre é mencionada como símbolo da destruição ambiental. A enumeração de bichos brasileiros, nem todos diretamente ameaçados de extinção, se apresenta como um lamento irônico: o narrador denuncia a barbárie humana disfarçada de civilização. A destruição da fauna e da floresta aparece como projeção da própria decomposição corporal e psíquica que ele sofre. Há também menção a pássaros e passarinhos, e, mais profundamente, o autor manifesta seu medo dos humanos se transformarem “primeiro em devoradores de insetos e depois em insetos devoradores” (FONSECA, 1975, p. 142). Interessantemente, o consumo de insetos por parte de seres humanos (antropoentomofagia) é prática historicamente comum (COSTA NETO, 2011). Também é narrado pelo autor que, em um de seus livros, meninos seriam abandonadas “para serem devorados pelos lobos” (FONSECA, 1975, p. 137) – animais que, no contexto da zoologia cultural, cumprem funções simbólicas de predador antagonista que acompanha a humanidade (DA-SILVA, 2020).

Com base nas regras da nomenclatura zoológica, os animais mencionados nos contos analisados, ainda que meramente componentes de nomes de objetos, apelidos, topônimos e outros, são:

Mamíferos

- Capivara – *Hydrochoerus hydrochaeris* Linnaeus, 1766 – Rodentia: Caviidae

- Burro – *Equus africanus asinus* Linnaeus, 1758 – Perissodactyla: Equidae

- Anta – *Tapirus* sp. – Perissodactyla: Tapiridae

- Búfalo – provavelmente *Bubalus bubalis* (Linnaeus, 1758) (por ser asiático) – Artiodactyla: Bovidae

- Carneiro – *Ovis* sp. - Artiodactyla: Bovidae
- Elefante – Proboscidea: Elephantidae
- Tatu – Cingulata
- Jaguatirica – *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758) – Carnivora: Felidae
- Puma (onça-parda) – *Puma concolor* (Linnaeus, 1771) – Carnivora: Felidae)
- Onça-pintada – *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) – Carnivora: Felidae
- Cachorro – *Canis lupus familiaris* Linnaeus, 1758 – Carnivora: Felidae
- Aves
- Galinha, frango e galo – *Gallus gallus* (Linnaeus, 1758) – Galliformes: Phasianidae
- Arara – *Ara* sp. - Psittaciformes: Psittacidae
- Pássaro, passarinho – Passeriformes
- Cardeal – *Paroaria* sp. – Passeriformes: Fringillidae
- Peru – *Meleagris gallopavo* Linnaeus, 1758 – Galliformes: Phasianidae
- Répteis
- Cobra – Squamata: Serpentes
- Jacaré – Crocodilia: Alligatoridae
- Invertebrados
- Inseto – Insecta
- Mosca – Insecta: Diptera
- Lagarta (forma imatura) – Insecta: Lepidoptera
- Borboleta - Insecta: Lepidoptera: Rhopalocera
- Minhoca – Annelida: Oligochaeta

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra literária de Rubem Fonseca, a presença animal circula entre o real e o simbólico. No conto, por exemplo, *Intestino grosso*, os animais não aparecem apenas como pano de fundo ou decoração linguística: são figuras simbólicas narrativas que intensificam a crítica à modernidade, à destruição ambiental, à desumanização do sujeito urbano e ao Antropoceno. A presença dos animais brasileiros, enquanto exemplos de um colapso ecológico e ético, inscreve o conto no debate da ecologia simbólica e, potencialmente, no campo da zooliteratura, mostrando como a degradação do corpo individual e a do planeta como um todo formam um mesmo sistema simbólico de ruína – a nossa ruína.

Já em *Feliz ano novo*, o ambiente da festa traz marcas da presença animal no imaginário alimentar, no grotesco e na decomposição simbólica da ordem social, em um cenário de revolta social. Em *Passeio noturno* a revolta é equivalente, mas sem origem social explícita, posto que o predador humano em questão é um sujeito de posses. Mesmo sem a presença de bichos nomeados, pode ser incluído em uma leitura de zoologia cultural, desde que o enfoque recaia sobre a animalidade como força narrativa interna, e não como representação externa. Trata-se de um conto sobre o humano que assume o lugar simbólico do predador, no vácuo deixado pela fauna ausente de um mundo urbano sem natureza. Também em *O cobrador*, a assimilação da figura do predador urbano é evidente, funcionando como denúncia social e desnaturalização da violência sistêmica.

A zoologia cultural se mostra uma chave interpretativa possível para compreender os modos como a literatura articula a relação en-

tre humanos e animais, não apenas como metáforas, mas como sujeitos de tensão, crítica e espelhamento existencial. Até muito mais simbólico-metafórica que, de fato, real, a presença dos animais na obra de Rubem Fonseca é múltipla, densa e estrutural. Algumas menções a bichos são imagens de violência, marginalização, destruição ambiental e domesticação social. Fonseca constrói um verdadeiro bestiário urbano, no qual a animalidade não está à margem da condição humana, mas no seu centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rômulo R. N.; SOUTO, Wedson M. S. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 22, 2011.
- BARBOSA, C. F. Matar é viver: a violência em contos de Rubem Fonseca. **Revista Eutomia**, v. 2, n. 1, 2015.
- BERGER, John. **Por que olhar para os animais?** Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Fósforo Editora, 2021.
- COSTA NETO, Eraldo M. A etnozoologia no Brasil: um panorama bibliográfico. **Bioikos**, v. 14, n. 2, 2000.
- COSTA NETO, Eraldo M. Antropoentomofagia: sobre o consumo de insetos. In: COSTA NETO, Eraldo M. (Org.). **Antropoentomofafia: insetos na alimentação humana**. Feira de Santana: UEFS Editora, p. 17-37.
- DA-SILVA, E. R. Retrospectiva 2018: o ano de consolidação da Biologia Cultural – E jamais isso foi tão necessário. **A Bruxa**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, 2018.

- DA-SILVA, Elidiomar R. Quem tem medo do lobo mau? A representação social do *Canis lupus* no tempo e no espaço. In: COELHO, Luci B. N.; DA-SILVA, Elidiomar R. (Orgs.). V Colóquio de Zoologia Cultural – Livro do evento. **A Bruxa**, v. 5, n. especial 5, 2020.
- DA-SILVA, E. R.; COELHO, L. B. N. Zoologia cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na cultura pop. In: DA-SILVA, E. R. *et al.* (Orgs.). Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016, p. 24–34.
- FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo**. RJ: Artenova, 1975.
- FONSECA, Rubem. **O cobrador**. 2ª edição. RJ: Nova Fronteira, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27ª edição. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8ª edição. Tradução de Tânia Pellegrini. São Paulo: Papyrus, 2008.
- LIMA, Jaciara R. B.; FLORÊNCIO, Roberto R.; SANTOS, Carlos A. B. Contribuições da etnozootologia para a conservação da fauna silvestre. **Revista Ouricuri**, v. 4, n. 3, 2014.
- MACIEL, Maria E. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- SCHNEIDER, Jutta M.; LUBIN, Yael. Infanticide by males in a spider with suicidal maternal care, *Stegodyphus lineatus* (Eresidae). **Animal Behaviour**, v. 54, n. 2, 1997.
- ZAPF, Hubert. Literary Ecology and the ethics of texts. **New Literary History**, v. 39, n. 4, 2008.